

HISTÓRIAS

livro 1º

TRADUÇÃO

Esta é a exposição das investigações de Heródoto de Halicarnasso, para que os feitos dos homens se não desvançam com o tempo, nem fiquem sem renome as grandes e maravilhosas empresas, realizadas quer pelos Helenos quer pelos Bárbaros; e sobretudo a razão por que entraram em guerra uns com os outros<sup>1</sup>.

Os conhecedores entre os Persas consideram que os Fenícios foram os causadores do diferendo: sustentam que, vindos do mar chamado Eritreu para as margens do Mediterrâneo e ocupada a região que agora habitam, de imediato empreenderam longas navegações: com mercadorias egípcias e assírias, aportaram a diversas regiões, entre as quais estava Argos, que nessa época se superiorizava a todos os Estados da

1.1

2

<sup>1</sup> A referência a Halicarnasso, como local da naturalidade de Heródoto, seria a versão original, segundo Plutarco, *Moralia* 604f, e a lição unânime da tradição manuscrita. No entanto, a lição Θουπλου já era conhecida no século IV (cf. Aristóteles, *Retórica* 3, 9, 1409a 28-29) e era também corrente no tempo de Plutarco, *Moralia* 604f e 868a. Por isso Jacoby defendeu que o texto original seria Θουπλου e não Ἀλικαρνησίου, lição adoptada por Legrand na edição de Les Belles Lettres. A crítica alexandrina restaurou a referência a Halicarnasso e naturalmente teve as suas razões. Sobre a discussão suscitada a referência a vide L. Th. Leford, "Hérodote d'Halicarnasse", *AC* 3 (1934) 203-208; Legrand, "Hérodote Θουπλου", *REA* 36 (1934) 407-410; A. Colonna, "Tradizione manoscritta e critica congetturale in Erodoto", *Athenaeum* 18 (1940) 11-25.

Para a interpretação, comentário do prólogo e bibliografia sobre o assunto vide G. Naey, "Herodotus the logios", *Aretusa* 20 (1987) 173-184.

3 região que hoje chamamos Hélade<sup>2</sup>. Chegados a Argos, os Fenícios procuraram vender a carga. No quinto ou sexto dia após a sua chegada, já com quase tudo vendido, vieram até à borda do mar numerosas mulheres, entre as quais se encontrava a filha do rei, cujo nome, pelo que dizem também os Gregos, era Io, filha de Ínaco. Enquanto estas paradas junto à popa do barco, negociavam as mercadorias de que mais gostavam, os Fenícios, encorajando-se uns aos outros, precipitam-se sobre elas. A maior parte das mulheres conseguiu fugir, mas Io foi raptada juntamente com outras<sup>3</sup>. Arrastam-nas para o barco e partiram de velas feitas para o Egipto.

2.1 Deste modo contam os Persas que Io chegou ao Egipto, e não daquele que dizem os Helenos. Asseguram também que esse foi o primeiro dos agravos cometidos. Na sequência destes acontecimentos, dizem eles, alguns Helenos, de que não souberam especificar o nome, aportaram a Tiro, na Fenícia, e raptaram Europa, a filha do rei. Talvez se tratasse de Cretenses<sup>4</sup>. Postos deste modo uns e outros em plano de igualdade, os Gregos tomaram-se depois culpados de uma segunda ofensa. Navegaram em uma longa nau até ao rio Fásis e dali, após concluir a missão por que tinham ido, raptaram a filha do rei, Medeia<sup>5</sup>. O rei de Colcos enviou um arauto à Hélade a pedir justiça pelo rapto e a reclamar a filha. Os Gregos responderam que nunca eles lhes tinham dado satisfação do rapto de Io, a Argiva, e que portanto também não lha concediam a eles.

3.1 Uma geração após estes acontecimentos, Alexandre, filho de Príamo, ao ouvir este relato, tomou a resolução de conseguir para si, pelo rapto, uma mulher da Grécia, perfeitamente convencido de que não teria de prestar contas, uma vez que os Helenos também o não tinham feito. Então, raptada Helena aos Gregos, estes decidiram numa primeira

<sup>2</sup> A afirmação de Heródoto concorda com a importância dada a Argos e Argivos pelos Poemas Homéricos: Argivos aplica-se, ao lado de Aqueus, a todos os participantes na expedição contra Tróia e Argos denomina o reino de Agamémnon. A referência a tal predominância é pois uma inferência de Homero e talvez mais ainda do Ciclo Épico. Traduzi por "conhecedores" o termo *λόγιοι* "conhecedores de *logoi*", "doutos", sentido com que volta a aparecer em Heródoto 2. 3. 1 e 77. 1; 4. 46. 1; Píndaro, *Píticas* 1. 183.

Entrreu significa "Vermelho", mas o "Mar Vermelho" de Heródoto não corresponde exactamente ao actual. Inclui também o Golfo Pérsico e o Oceano Índico. Para Heródoto, os Fenícios seriam originários do Oceano Índico, o "Mar Eritreu", em especial das costas da Arábia, do Golfo Pérsico ao Golfo de Suez. Daí teriam emigrado, por volta de 2750 a. C., para as costas do Mediterrâneo Oriental, a Fenícia histórica ou Canaã da Babilónia, nome que aparece em Hecateu (*FGHHist* 1 F 21 e 272), onde fundaram Tiro (cf. 2. 44. 2 e 7. 89. 2). Sobre o assunto vide A. B. Lloyd, *Herodotus: Book II. Commentary* 1-98 (Leiden, 1976), pp. 49-50. No século V a. C. ainda Dionísio de Milto (*FGHHist*. 687 F 4) tinha conhecimento de uma região junta ao Mar Vermelho chamada Fenícia e Andróstenes de Tasso, um historiador do tempo de Alexandre, considerava Tiro e Arados, a Arvad, como colónias de duas cidades homónimas do Golfo Pérsico (*FGHHist*. 711 F 2). Cf. Estrabão 16. 3. 4, 766. A investigação moderna tem uma posição céptica, quanto a tais dados. A cultura fenícia, cujo comércio é mencionado em Homero (c. g. *Odisseia* 15. 415 sqq.) não se deve ter desenvolvido muito antes do ano 1000 a. C. Sobre o assunto vide R. Dussaud, "Les Phéniciens au Négeb et en Arabie", *Revue de l'Histoire des Religions* 108 (1933) 5-49; B. Courroyer, "Origine des Phéniciens", *Revue Biblique* 80 (1973) 264-276; Asheri, p. 263.

Heródoto fala em vários outros passos da expansão fenícia: alude ao comércio e às arrojadas viagens (3. 6. 1 e 107. 2; 4. 42. 2-4) e refere o estabelecimento de Cadmo e dos Gefírios na Beócia (2. 49. 3; 5. 57. 1-2), de Fenícios e descendentes de Cadmo em Tera (4. 147. 4-5); aponta outros vestígios vários da sua passagem por diversos locais, como Citera (1. 105. 3), Tasso (2. 44. 4 e 6. 47). Embora as relações comerciais fossem sempre admitidas, era hábito negar a criação na Grécia de estabelecimentos permanentes. Mas o aparecimento, em 1964, de selos dessa origem em Tebas parece vir em apoio da afirmação de Heródoto. Vide T. F. R. G. Braun, *CAH* 3. 3<sup>o</sup> 1982, pp. 5-7.

<sup>3</sup> Esta descrição do rapto de Io, sobretudo a versão fenícia de 1. 5. 2, apresenta certas semelhanças à de Eumeu, na *Odisseia* 15. 415 sqq.

A lenda de Io volta a aparecer em Heródoto 2. 41. 2. Trata-se de uma racionalização do mito grego de Io que aparece tratado de modo diferente na épica e no *Prometeu* de Ésquilo: transformada em novilha, Io andou errante, perseguida pelo ciúme de Hera, até chegar ao Egipto, onde retorna a forma humana e dá à luz Epáfo, ou seja Ápis (cf. Heródoto 2. 153 e 3. 27. 1). Mas Io, natural de Argos, amada de Zeus e com forma de

vaca talvez seja afinal outra forma de Hera que primitivamente teria possivelmente a forma desse animal, como parece sugerir o epíteto homérico, *βοῶντις*, dessa deusa.

Io, em outros passos (2. 41. 1) aparece identificada com Ísis, identificação que possivelmente se verifica desde os tempos micênicos. Vide How-Wells, pp. 54-55.

Heródoto, ao racionalizar o mito de Io, tem consciência de que está a dar uma versão diferente da lenda grega e especifica que desse modo contam os Persas a chegada de Io ao Egipto e não como afirmavam os Helenos. Plutarco, no *De Herodoti malignitate* 11 (*Moral.* 856d-e), critica essa atitude do historiador.

<sup>4</sup> O mito tradicional grego refere que Europa chegou a Creta levada por Zeus, que tomara a forma de um touro. Filha de Agenor (segundo Heródoto 4. 147. 4) ou de Fénix (segundo a *Ilíada* 14. 321) era irmã de Cadmo e foi mãe de Míno e Sarpédon ou Radamanto (cf. *Ilíada* 14. 321-322; Heródoto 1. 173. 2; 4. 45. 4-5 e 147. 4). Esta estadia de Europa em Creta e a fama do antigo poderio marítimo dos Mínicos e dos seus actos de pirataria talvez tenham motivado a hipótese de terem sido Cretenses os raptadores.

No passo de Heródoto temos uma versão racionalizada do mito, tal como acontecera já no que tange a Io.

De acordo com 2. 145. 4, o rapto de Europa situar-se-ia, na cronologia de Heródoto, em 2100 a. C., mas tal data parece contradizer a afirmação de 7. 171. 1. Sobre a data do rapto de Europa em Homero vide Asheri, p. 265.

<sup>5</sup> Na versão tradicional do mito, Medeia, filha de Aetes, rei da Cólquida, não é raptada, mas, por amor a Jasão, parte de livre vontade com os Argonautas. Heródoto conhecia a versão tradicional que aparece na *IV Pítica* de Píndaro (vv. 211 sqq.) e na *Medeia* de Eurípides. A missão que levava os Argonautas à Cólquida era, como é sabido, conquistar o velo de ouro.

O rio Fásis, hoje Rioni, corre na Cólquida, junto à cidade de Aia.

fase enviar mensageiros a reclamá-la e a exigir justiça pelo rapto<sup>6</sup>. Às alegações que eles apresentaram, os outros replicaram-lhes com o rapto de Medeia: não davam satisfações nem restituíam o que lhes era reclamado e desejavam obter justiça de outrem.

4.1

Até esse momento, contudo, verificavam-se apenas raptos mútuos, mas a partir de então os Helenos tornaram-se os grandes culpados: foram os primeiros a declarar a guerra à Ásia, antes que eles, Persas, a fizessem contra a Europa. Ora, se raptar mulheres, consideram eles, é acto de homens injustos, empenhar-se em vingar tais raptos é de quem não tinha senso. Os homens sensatos não dão importância alguma a tais actos: é evidente que, se elas não quisessem, não teriam sido raptadas. Eles, os que habitam a Ásia, referem os Persas, não fizeram qualquer caso das mulheres que lhes foram raptadas, enquanto os Gregos, por causa de uma lacedemónia, reuniram uma grande expedição, entraram em seguida na Ásia e destruíram o poderio de Príamo<sup>7</sup>. A partir de então passaram os Persas a olhar o mundo helénico como seu inimigo. De facto consideravam como coisa própria a Ásia e os povos bárbaros que nela habitavam, mas a Europa e o mundo grego reputavam-nos como região distinta.

5.1

Desta maneira contam os Persas que se passaram as coisas e na conquista de Ilión encontram o começo da sua inimizade pelos Helenos. A respeito de Ió, não concordam com os Persas os Fenícios: asseveram estes que se não valeram do rapto para a conduzirem ao Egipto, mas que ela, em Argos, tinha relações com o capitão do barco, e, quando descobriu que estava grávida, ela própria, de livre vontade, embarcou com os Fenícios, para não ser descoberta.

2

<sup>6</sup> É o bem conhecido topos do rapto de Helena por Páris/Alexandre que, a partir de Homero, toda a tradição considera como a causa da Guerra de Tróia. Mas, desde Esteficoro pelo menos (fr. 192, Page e P. Oxy 2506, fr. 26, 1), que existia também a versão de que Helena não fora para Tróia, mas para o Egipto, onde Menelau a vai encontrar depois da Guerra de Tróia. Heródoto faz-se eco de tal versão em 2. 113-120 e nela se baseia Eurípides para compor a *Helena*.

Na Guerra de Tróia teriam participado os filhos dos Argonautas. Daí que Heródoto comence o capítulo por "uma geração após estes acontecimentos". O historiador de Halicarnasso utiliza, como sistema cronológico, a contagem por gerações, fazendo cada uma delas equivaler a cerca de um terço de século (cf. 2. 142).

Os mensageiros gregos enviados a Tróia para reclamar Helena eram Ulisses e Menelau.

<sup>7</sup> Heródoto — que em 2. 145. 4 data a Guerra de Tróia de cerca de 1280-1270 a. C. e em 7. 20. 2 faz um confronto entre ela e a expedição de Xerxes contra a Hélade em 480-479 — vê nesta empresa, considerada pela tradição o mais glorioso feito da Hélade, um acto de certo modo insensato. Plutarco, no *De Herodoti malignitate* 11 (*Moralia* 856f),

Isto é o que contam os Persas e os Fenícios. Quanto a mim, a respeito de tais acontecimentos, não vou afirmar que as coisas se passaram assim ou de outra maneira, mas, depois de assinalar aquele que eu próprio sei ter sido o primeiro a cometer actos injustos contra os Helenos, avançarei na narrativa, examinando indistintamente as pequenas e as grandes cidades dos homens<sup>8</sup>.

3

Das que antigamente eram grandes, muitas delas tornaram-se pequenas, enquanto as que no meu tempo são grandes, eram primeiro pequenas. Persuadido de que a felicidade humana nunca permanece firme no mesmo ponto, mencionarei por igual umas e outras<sup>9</sup>.

4

estranha esta posição, ao afirmar que o historiador transformou "o mais nobre e grandioso acto da Hélade" numa loucura. Vide F. J. Gotten Jr., "Herodotus' use of variant versions", *Rome* 24 (1977) 3-12.

Por meados do século V, e mais ainda durante a Guerra do Peloponeso, a discussão sobre a Guerra de Tróia e os problemas morais a ela associados deviam estar na ordem do dia. As posições oscilavam entre considerá-la um dos feitos mais gloriosos da Grécia unida ou um acto insensato que, por um motivo fútil, causou destruição e sofrimento. Se a primeira é a mais corrente e como que a posição oficial, a segunda aparece também com alguma frequência. Encontramo-la, por exemplo, de forma um pouco moderada, no *Agamémnon* de Ésquilo e de modo mais evidente em várias peças de Eurípides. Este autor tem aliás uma posição diversificada: se na *Ifigénia em Aulide*, significativamente a sua última peça, que parece não ter concluído, vê nessa guerra o que poderíamos chamar uma "guerra santa" dos Gregos contra os Bárbaros, em outras, como a *Hécuba*, as *Troianas* e a *Helena*, o autor olha-a como uma empresa insensata que, motivada pela ambição humana, causou morte, destruição e sofrimento, sobretudo nos que menos culpas têm: as mulheres e as crianças. Sobre o assunto vide J. Ribeiro Ferreira, *Hélade e Helenos I*, pp. 336-342 (para o *Agamémnon* de Ésquilo) e 368-412 (para Eurípides).

<sup>8</sup> Heródoto faz aqui uma separação nítida entre o mítico — que ele não se exime a expor, quando não possui outros elementos — e o real. Dos raptos lendários refere as versões dos Persas e dos Fenícios, mas afirma logo categoricamente não saber se as coisas se passaram dessa maneira. Mas já, a respeito de Creso, afirma ter a certeza de haver sido o primeiro a atacar e a subjugar Gregos: "a cometer actos injustos contra os Helenos", como diz o historiador. Passa então a contar a história do rei lídio até que é vencido e Sardes, conquistada pelos Persas (caps. 84-85). Portanto, se na idade mítica as culpas do conflito recaíam sobre os Gregos, agora, na idade histórica, a responsabilidade pertencia aos Asiáticos. As fontes antigas sobre Creso encontram-se coligidas em J. G. Pedley, *Ancient literature sources on Sardis* (Harvard, 1972), pp. 25-42.

<sup>9</sup> Heródoto acreditava num poder sobrenatural que fazia o grande tornar-se pequeno e vice-versa (cf. cap. 32). Vide supra Introdução.

As cidades aqui referidas são os aglomerados urbanos — Heródoto utiliza o termo *ástru* — e não a pólis ou seja a cidade-estado no sentido político. Para a distinção entre uma e outra em Heródoto vide M. Casevitz, "Mon astu, sa polis: les exemples d'Hérodoite", *Ktema* 8 (1983) 75-83. Considera-os termos equivalentes P. Musiolek, "Zur Bedeutung von *ástru* und *πόλις* im archaischen Griechenland", *AAntHug* 29 (1981) 133-138.

## História de Cresos

(1.6-94)

- 6.1 Cresos era de raça lídia, filho de Aliates, soberano dos povos situados para cá do rio Hális que, correndo do sul entre os Sírios e Paflagónios, desagua na direcção do vento norte, no mar chamado Euxino. Este Cresos foi o primeiro dos Bárbaros, de que temos conhecimento, a submeter alguns Helenos a pagamento de tributo e a fazer de outros seus amigos. Submeteu os Iónios, os Eólios e os Dórios que habitam na Ásia e fez seus amigos os Lacedemónios. Antes do reinado de Cresos, todos os Gregos eram livres<sup>10</sup>. De facto a expedição dos Cimérios que atingiu a

<sup>10</sup> Utilizei o termo "livres" para traduzir ἐλεύθεροι que, no passo, tem o sentido de independentes politicamente do domínio estrangeiro. — bem como independência para ἐλευθερία —, sentido frequente na obra de Heródoto (c. g. 1. 95. 2, 126. 6, 170. 2, 210. 2).

O rio Hális — hoje Kizil-Irmak — corre primeiro de nordeste para sudoeste e depois de sul para norte. Heródoto parece aqui referir-se apenas ao seu curso inferior. No cap. 72 faz uma descrição mais pormenorizada do rio, indicando os países que atravessa. Os Sírios aqui referidos são os da Capadócia. Os limites desta variaram com o tempo, e em Heródoto incluem ainda parte do Ponto e da Galácia. Os Gregos davam aos povos que aí habitavam o nome de Sírios (c. g. Hdt. 5. 49. 6), ou Leucosírios — "Sírios Brancos", como os designa Estrabão 16. 1. 2, 737. O nome talvez seja uma corrupção de Assírios (vide How-Wells I, p. 56). A Capadócia tinha grande importância estratégica, devido às vias de comunicação que a atravessavam. Vide L. Franck, "Sources classiques concernant la Cappadoce", *Revue Hittite et Asiatique* 24 (1966) 5-122.

O termo grego traduzido por "soberano", no início do capítulo, é *tyrannos* que aqui, e em outros passos da obra de Heródoto, não tem sentido negativo e equivale a βασιλεύς "rei", "monarca". *Tyrannos* só adquire conotação pejorativa na segunda metade do século V e sobretudo com a actuação cruel dos Trinta Tiranos em 404-403 a. C., que condenaram e chacinaram grande número de Atenienses.

Para o tratado de Cresos com os Espartanos cf. caps. 69-70.